

**Nanã Buruquê e o Feminismo Ancestral: Espiritualidade Afro-Ameríndia como
Resistência de Gênero na Ilha do Maranhão**

Histarley dos Santos Conceição¹

Josué da Costa Silva

Maria das Graças Silva Nascimento Silva

¹ histarleymontenegro@hotmail.com (98) 9 81353111
CV Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6030002164233372>

Resumo

Este estudo busca compreender como a espiritualidade ancestral nas religiões afro-ameríndias no Brasil pode enriquecer os debates feministas contemporâneas e fortalecer a luta das mulheres. O tema “Culto Ancestral e o Feminismo” e o título “Nanã Buruquê e o Feminismo: intersecção entre espiritualidade ancestral e luta por equidade de gênero” foram escolhidos para explorar as contribuições dessas religiões ao movimento feminista, especialmente no Maranhão, onde são fundamentais para a cultura e identidade de muitas mulheres. O culto à Orixá Nanã, a Yabá mais antiga do panteão Yorubá, Ewé-Fon, associada à sabedoria, ancestralidade e resistência, oferece um campo rico para investigar como práticas espirituais e ensinamentos orais podem fortalecer identidades feministas e desconstruir estereótipos de gênero.

Palavras-chave: **Culto Ancestral; Territorialidade; Espiritualidade; Feminismo.**

Resumen

Este estudio busca comprender cómo la espiritualidad ancestral en las religiones afroamerindias en Brasil puede enriquecer los debates feministas contemporáneos y fortalecer las luchas de las mujeres. El tema "Culto ancestral y feminismo" y el título "Nanã Buruquê y el feminismo: intersección entre la espiritualidad ancestral y la lucha por la igualdad de género" fueron elegidos para explorar las contribuciones de estas religiones al movimiento feminista, especialmente en Maranhão, donde son fundamentales para la cultura y la identidad de muchas mujeres. El culto a Orixá Nanã, el Yabá más antiguo del panteón yoruba, Ewé-Fon, asociado con la sabiduría, la ascendencia y la resistencia, ofrece un rico campo para investigar cómo las prácticas espirituales y las enseñanzas orales pueden fortalecer las identidades feministas y desconstruir los estereotipos de género.

Palabras clave: Culto Ancestral; Territorialidad; Espiritualidad; Feminismo.

Introdução

O feminismo, enquanto movimento social e corrente teórica, busca questionar e combater as opressões de gênero, promovendo a equidade e a valorização da mulher em diversas esferas da sociedade. No contexto brasileiro, essa luta ganha contornos ainda mais complexos quando é analisada a partir de uma perspectiva interseccional (AKOTIRENE, 2019), (NASCIMENTO SILVA, 2014) que leva em conta fatores como raça, classe, ancestralidade e territorialidade.

Nesta perspectiva a pergunta geradora da pesquisa é: Há intersecção entre a espiritualidade ancestral nos cultos a Nanã Buruquê no aglomerado urbano da Ilha do Maranhão e a luta por equidade de gênero?

A espiritualidade é crucial para a construção de identidades feministas fortalecidas, especialmente nas religiões de matriz africana, onde as Yabás² desempenham um papel central. Nanã Buruquê, associada à sabedoria, ancestralidade e poder transformador, destaca-se como uma força matriarcal que subverte normas patriarcais. Sua relação com o barro primordial e a regência sobre o retorno dos corpos à Terra refletem uma perspectiva de transformação e continuidade, ecoando nas lutas feministas contemporâneas pela valorização da maturidade e experiência das mulheres, especialmente das mulheres pretas e idosas.

Este artigo propõe analisar as interseções entre o culto à Yabá Nanã e os princípios do feminismo, destacando como a sabedoria ancestral e a resistência feminina manifestadas nos territórios das religiões afro-ameríndias na Ilha do Maranhão contribuem para a construção de identidades feministas empoderadas e para a desconstrução de estereótipos de gênero.

Através de um estudo que articula cosmologia, espiritualidade, território e teoria feminista, busca-se explorar como Nanã, enquanto símbolo de maturidade, poder e autonomia feminina, pode ser compreendida como uma figura inspiradora para as lutas feministas, oferecendo novas perspectivas para o empoderamento das mulheres que a cultuam.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo central analisar como o culto à Orixá Nanã e os princípios do feminismo, através da sabedoria ancestral e resistência nas religiões afro-ameríndias na Ilha do Maranhão, contribuem para o empoderamento

² Substantivo utilizado para nomenclaturar os Orixás femininos.

feminino e a desconstrução de estereótipos de gênero, entendendo essas religiões como territórios de empoderamento e resistência cultural.

A experiência espiritual das mulheres que cultuam Nanã, desempenha um papel crucial na construção de uma identidade feminista robusta e na desconstrução de estereótipos de gênero. Este culto não apenas se alinha com os princípios do feminismo contemporâneo nas religiões afro-ameríndias no Brasil, mas também os enriquece.

Propõe-se que o culto a Nanã oferece um espaço de resistência e empoderamento para as mulheres, desafiando e transformando as concepções tradicionais de gênero tanto dentro quanto fora do contexto religioso.

Para tal se tem o objetivo de analisar a interseção entre o culto à Orixá Nanã e o feminismo, destacando como a sabedoria ancestral e as resistências manifestadas nas religiões afro-ameríndias, na Ilha do Maranhão, contribuem no empoderamento feminino para a desconstrução de estereótipos de gênero colaborando para o entendimento dessas religiões como territórios de empoderamento feminino e resistência cultural.

Os objetivos específicos visam examinar a figura de Nanã dentro das religiões afro-ameríndias, ressaltando sua importância como símbolo de sabedoria, maturidade e poder feminino; explorar as conexões entre as práticas religiosas afro-brasileiras e o feminismo, enfatizando como a espiritualidade ancestral pode servir de base para a luta por equidade de gênero; e discutir as narrativas e rituais relacionados a Nanã que promovem a valorização do feminino e a desconstrução de estereótipos de gênero.

A relevância do estudo baseia-se na necessidade de compreender como a espiritualidade ancestral dentro do território das religiões afro-ameríndias no Brasil, podem enriquecer as discussões feministas contemporâneas contribuindo para a resistência e fortalecimento da luta das mulheres.

A escolha do tema Culto Ancestral e o Feminismo e o título Nanã Buruquê e o Feminismo: intersecção entre espiritualidade ancestral e luta por equidade de gênero é motivada pela necessidade de explorar as contribuições das religiões afro-ameríndias para o movimento feminista contemporâneo, especialmente no contexto maranhense, onde essas tradições são uma parte fundamental da cultura e identidade de muitas mulheres.

Metodologia

A metodologia pautada na fenomenologia de Merleau-Ponty (1999) e Mircea Eliade (2010), com uma abordagem qualitativa que buscou compreender a essência das experiências vividas pelas mulheres que cultuam a referida Yabá. O foco foi na descrição detalhada dessas experiências, sem a imposição de categorias pré-estabelecidas,

permitindo que a voz e as vivências das participantes guiem a análise de dados, observações e informações geradas na pesquisa.

A construção de dados se deu por meio de entrevistas fenomenológicas os quais foram conduzidas entrevistas abertas e rodas de conversa em profundidade com duas mulheres praticantes das religiões afro-ameríndia, especificamente aquelas que têm uma ligação com Nanã Buruquê objetivando capturar as experiências subjetivas das participantes em relação ao culto a velha Mãe, explorando como percebem a sabedoria, maturidade e poder feminino que Ela simboliza e como essas percepções se conectam com seus entendimentos e práticas feministas em seu cotidiano.

As entrevistas foram orientadas por perguntas abertas que buscaram compreender como as participantes vivenciam e interpretam sua relação com Nanã e sua conexão com a luta por equidade de gênero.

Fora realizada observação participante, por meio da participação em giras³, rituais e práticas religiosas que envolvem a Orixá Nanã, com foco nas interações, narrativas, estética e ritualísticas, ressaltando como os rituais e narrativas relacionados a Nanã promovem a valorização do feminino e a desconstrução de estereótipos de gênero dentro do contexto religioso afro-ameríndio.

Durante a observação, anotações detalhadas foram feitas para registrar as práticas, discursos e significados atribuídos a Nanã nas cerimônias. A oralidade teve foco central, pois como nos fala Hampaté Bâ (2010, p. 169): “Na tradição oral de fato, o espiritual e a matéria não são dissociados”.

Não foram feitos registros midiáticos nos espaços, pois a Iyalorixá⁴ não permitiu. Houve análise documental de cânticos, histórias orais sagradas, os chamados itãs e outros documentos relevantes que retratam Nanã bem como de literatura acadêmica especializada com o objetivo de identificar como a figura de Nanã é representada e seu papel como senhora da criação da humanidade e símbolo de sabedoria, maturidade e poder feminino, além de como esses elementos são utilizados para reforçar ou questionar estereótipos de gênero.

Dentre os procedimentos, foram selecionados e examinados documentos que abordem a história, os mitos e os rituais associados a Nanã, com foco no objetivo deste estudo destacando a importância do feminismo em seu culto, muito embora essa nomenclatura possa não existir enquanto discurso simbólico.

³ Nome dado as sessões, encontros onde os participantes incorporam as entidades.

⁴ Mãe de santo, dirigente ou zeladora.

A análise fora orientada pela fenomenologia hermenêutica, que busca interpretar as experiências relatadas pelas participantes, focando nas essências dessas vivências identificando e categorizando temas emergentes das entrevistas, observações e documentos, como "sabedoria ancestral", "resistência feminina", "desconstrução de estereótipos", e "identidade feminina" que serão agrupados em categorias mais amplas que reflitam as principais interseções entre a espiritualidade com Nanã e os princípios do feminismo. A suspensão de juízos prévios para focar na essência das experiências das participantes foi uma prática constante em toda pesquisa de campo e na construção de temas.

Os espaços religiosos pesquisados foram uma casa de Tambor de Mina presente em Paço do Lumiar, uma casa de Candomblé localizado em São Luís, ambas no Estado do Maranhão, região metropolitana.

Referencial Teórico

O culto à Orixá Nanã oferece um campo rico para investigar como as práticas espirituais e os ensinamentos transmitidos oralmente podem fortalecer as identidades feministas e contribuir para a desconstrução de estereótipos de gênero.

Monica Buonfiglio (2004) descreve essa poderosa divindade como a orixá mais antiga do panteão africano, simbolizando a ancestralidade, a sabedoria e a conexão com a terra e as águas paradas. Nanã está associada aos elementos primordiais de lama/barro, representando a criação e a transformação da matéria em vida. Nas tradições afro-ameríndias, ela está ligada à morte e à regeneração, sendo uma figura central nas transições de ciclos da vida.

Buonfiglio (2004) destaca o poder feminino de Nanã, que transcende a juventude, enfatizando sua maturidade e sabedoria acumuladas ao longo do tempo. Nanã é vista como uma mãe protetora e severa, que ensina com paciência e rigidez, representando os processos de aprendizado que se dão pela experiência e pela superação de dificuldades.

Nas palavras de Egídio & Vieira (2009, p. 10)

Nanã Buruquê, a mais velha das Yabás, mistério divino do Criador, velado e silencioso, princípio feminino do mundo, é chamada de vovó de Aruanda e tida como a grande Mãe da Criação, a Senhora dos Primórdios, mãe dos Orixás, Fonte Primordial de Vida na Terra, a Senhora das Águas pantanosas e lodosas. É a mãe divina sóbria e madura que nos ampara em todos os momentos de transição em nossas vidas, na matéria ou em espírito.

Nanã, sendo uma figura maternal e ancestral, simboliza a conexão com as raízes e as folhas, o poder feminino, características que podem ressoar profundamente com os princípios do feminismo, especialmente no que diz respeito à valorização das

experiências e conhecimentos das mulheres, sobretudo das mulheres mais velhas e sua equidade aos homens.

Além disso, a intersecção entre espiritualidade e feminismo tem sido pouco explorada na academia, particularmente no contexto das religiões afro-ameríndias, a exemplo disso na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) não há qualquer trabalho que faça uma relação direta entre a religiosidade afro-ameríndia e o feminismo propriamente dito, embora haja temas relacionados.

Este artigo, portanto, busca preencher essa lacuna, demonstrando que a espiritualidade ancestral não apenas complementa, mas também fortalece a luta por equidade de gênero nos territórios das religiões de matriz afro, oferecendo novas perspectivas e estratégias de resistência. A pesquisa também traz à tona a importância de considerar as experiências espirituais como parte integrante da identidade e da luta das mulheres, contribuindo para uma compreensão mais ampla e inclusiva do feminismo brasileiro.

Assim, esta investigação não só enriquece o campo dos estudos feministas e religiosos, mas também valoriza e legitima as práticas e saberes das mulheres que encontram na espiritualidade afro-ameríndia, especificamente no culto a Nanã como um espaço de empoderamento e resistência.

Nanã Buruquê: origem e mitologia

Nanã, também conhecida na oralidade das comunidades de terreiros como Nzumba/ Zumbarandá Anamburucu, Borocô, Nanamburucu, Nanan Buruku e Nanã Buruquê⁵. É uma divindade das religiões de matriz africana, vem da mitologia Yorubá, Ewé-Fon e é entendida no contexto brasileiro como uma Yabá, ou seja, orixá feminino, a mais antiga e sábia ou a própria sabedoria, entre os povos Ewé Fon como a gênero, o Vodum que carrega em si mesma o masculino e o feminino sem ser um ou outro.

Nanã Buruquê e a Maternidade

Nanã é mãe de muitos orixás, apresenta-se como mãe de Obaluayê/Sapatá/ Ajunsu/ Omolu/Kavungo (o Senhor da Terra), todos estes nomes fazem referência a mesma divindade, também é mãe de Oxumaré/Dan, Ewá (a continuidade da vida/ a ligação dos mundos) Ossain/Agué (as folhas) e Iroku (o próprio tempo).

⁵ Para esta pesquisa irei me ater ao nome Nanã Buruquê.

Resultados e Discussões: Espiritualidade Ancestral e Feminismo no Culto a Nanã Buruquê

Segundo os relatos orais, histórias sagradas chamadas de Itã, Nanã não criou nenhum de seus filhos como relata mãe Maria do Barco⁶

Tem uma história de que Nanã já “véia” queria ter um filho com Oxalá, mas Ele não queria e Ela o embriagou com vinho de palma e deitou com Ele e dessa deitada nasceu Omolu, só que Omolu nasceu com varíola e Nanã não quis um filho doente e o abandonou na praia para que morresse e Yemanjá o encontrou chorando sendo comido por caranguejo e o criou. Oxalá quando deu fé amaldiçoou Nanã dizendo que ela nunca iria criar nenhum filho e por isso quando os gêmeos Yewá e Oxumaré nasceram viraram cobra e Iroku quando nascer virou uma árvore. Tu pode “precurar” por essas internetes da vida que a história é essa, mas essa não é a verdade não! A verdade é que nessa “épica” as coisas eram diferentes, lá na África que quando uma criança nascia com algum defeito o pai ou a mãe tinha que matar pra evitar da criança sofrer e foi o que Nanã fez. Ela não conseguiu matar e deixou lá na praia numas “preda” pra Ele morrer só!

A fala de mãe Maria do Barco faz eco nos estudos sobre a história das pessoas com deficiência (SILVA 1986; PICCOLO 2022; MONTEIRO 2016), que demonstram em seus estudos que era comum a família ou os sábios das aldeias/tribos/comunidades sacrificarem as crianças nascidas com alguma deficiência ou doença sem cura a época. Ainda segundo o relato oral de mãe Maria

Foi nessa arrumação de levar a criança pra praia e Yemanjá tomar ‘diconta’ de Omolu que surge a ideia de mãe de santo, mãe porque cuida, mas sem ser mãe de verdade. Foi seguindo o exemplo de Yemanjá que Nanã fez surgir a ideia de Yalorixá. Tem muita coisa sobre Nanã que a gente aprende errado porque as coisas vão se perdendo no tempo, a gente não escreve nada, não temos bíblia da religião, eu mesmo só sei botar meu nome.

Portanto fica evidenciado a importância de Nanã e como Ela tem sido má interpretada ao longo da história. Mas que também é símbolo de inspiração a suas filhas como veremos no relato de dona Morena⁷

Eu era crente, minha família toda era! Eu casei muito nova, meu sogro era o pastor da igreja que me congregava. Casei feliz, mas logo minha felicidade deu lugar a um inferno, meu ex-marido me batia, puxava meu cabelo, eu era a empregada da casa não a dona (...) uma vez ele me deu um tapa, não foi dos mais fortes, mas sei lá... doeu mais, num sabe? Ele foi trabalhar, as crianças já estava na escola e eu fui chorar, estava pensando em me matar e eu apaguei! Quando dei de mim eu estava na porta daqui e a mãe me dando água. Eu tinha incorporado Nanã, mas ninguém sabia que era Ela. A mãe foi uma verdadeira mãe pra eu, me aconselhou, jogou os búzios e falou que eu tinha caminho. Vinha aqui tomar um café na volta da escola dos meus filhos até que decidi me separar, arrumei minhas coisas e dos meus dois filhos e vim mim bora pra cá, mas a justiça me tomou meus filhos e deu pro pai, diz que porque eu não tinha

⁶ Mãe de santo com 55 anos de religião de matriz africana, atualmente conduz a Casa do Barco- Terreiro da Boa Fé. É analfabeta e tem uma profunda sabedoria de vida.

⁷ Pseudônimo escolhido pela entrevistada que preferiu não ser identificada. É uma mulher mestiça de 42 anos.

casa e não podia cuidar deles, mas é mentira, foi porque eu entrei pro Candomblé. Eu vejo meus filhos no fim de semana, minha sina foi igual de minha mãe Nanã, ela também não pode criar os filhos, mas tenho certeza que em nenhum momento deixou de amar eles como eu nunca deixei de amar os meus. Foi muito difícil pra mim, num sabe? Mas Nanã me deu força!
(Conversa informal em 17/07/2024)

O relato de dona Morena é um exemplo claro da força das mulheres de Nanã e o quanto está Yabá as inspiram a não abaixarem a cabeça apesar das complexas adversidades as quais muitas mulheres são submetidas em nossa sociedade.

O Poder Feminino de Nanã

Os elementos do culto a Nanã, tal como descritos por BUONFIGLIO (2004) reforçam sua imagem de ancestralidade, respeito ao feminino e profunda conexão com os ciclos da vida e morte. Isso se alinha diretamente com a ideia de poder feminino, resistência e renovação, que podem ser importantes na análise da Yabá dentro do contexto da territorialidade feminista e da luta por equidade de gênero.

Hoje eu ‘sô’ outra mulher, eu me olho no espelho e não sinto mais vergonha como de primeiro, eu digo que tinha uma Morena antes e uma depois de Nanã. Hoje homem nenhum levanta mais a mão pra me ‘dali’. Meus filhos tão rapaz já e sabe que eu não larguei deles. Eu vivo aqui com minha mãe de santo, tenho meu empreginho e Nanã!”
(Conversa informal em 17/07/2024).

No livro "*Orixás: Anjos da Natureza*", Monica Buonfiglio (2004) destaca o poder feminino de Nanã como uma força ancestral e sábia, que transcende a juventude e representa o auge da maturidade e da experiência. Esse poder feminino é caracterizado por sua profunda conexão com a criação, a terra, e o ciclo da vida e da morte e jamais permitir que passem por cima de sua autoridade, característica das mulheres iorubanas pré-colonização europeia, característica que muitas mulheres de santo receberam por ancestralidade. Nas palavras de SILVA (2010 p.129)

A tradição étnico-religiosa Yorubá no Brasil é um exemplo vívido da rica tapeçaria cultural que compõe a nação. Essa tradição, trazida pelos africanos escravizados e mantida ao longo dos séculos, é uma expressão da resistência e resiliência de um povo. Ela desafia as narrativas dominantes e oferece uma perspectiva alternativa sobre a identidade e o poder na sociedade brasileira. Através de suas práticas e crenças, a tradição iorubá contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e da distribuição de poder, que são moldadas por fatores como classe, etnia, gênero e religião. Ao reconhecer e valorizar essas tradições, pode-se promover um diálogo mais inclusivo e equitativo, que respeita a diversidade e fomenta uma sociedade mais justa.

Demonstrando assim quão forte e importante é a ancestralidade negra representada por Nanã que simbolizando a sabedoria que só o tempo e a experiência podem proporcionar.

Buonfiglio (2004) enfatiza que o poder de Nanã não reside na força física ou na juventude, mas na sabedoria acumulada ao longo do tempo, é na paciência e maturidade que reside o poder de Nanã. Essa maturidade representa a sabedoria do feminino que conhece e aceita os ciclos naturais da vida e está intimamente ligada a ideia de que o poder feminino é também um poder de cura, regeneração, acolhimento e mostra as mulheres, sobretudo, que ao envelhecerem elas continuam tão fortes quanto quando jovens tendo em vista que a força de Nanã não está nos atributos físicos.

Nanã representa o feminino que é maduro, que já passou pelas fases da vida e alcançou o conhecimento profundo da existência. Ela ensina que a verdadeira força está na aceitação dos ciclos, da vida à morte, e na sabedoria que adquirimos com o tempo (Buonfiglio, 2004 p.54)

Nanã é uma figura maternal que, com o barro primordial, deu forma ao corpo humano. Isso faz dela uma criadora, uma fonte de vida, mas também a guardiã da passagem final. O poder feminino de Nanã está nessa dualidade de gerar e transformar, representando tanto a capacidade de nutrir quanto de acolher o retorno à terra, à origem. Esse ciclo de criação e transformação reforça o aspecto do feminino como algo cíclico e intrinsecamente ligado à natureza.

Justiça e Rigor

Nanã, apesar de calma e amorosa, é também severa e justa, como descrito nos Itãs e registros orais do Candomblé. Seu poder feminino é firme e inabalável, exigindo respeito e ensinando com rigor. Ela representa a força e liderança feminina que desafia o patriarcado. Um exemplo é o itã que narra a desavença entre Nanã e Ogum, onde Nanã, mesmo sendo fisicamente frágil, vence Ogum ao impor limites e usar sua sabedoria, demonstrando sua força e liderança

Um outro itã conta que sempre que seus maridos as desagradavam as esposas iam até Nanã para relatar o ocorrido a fim de que Ela puna os homens a rigor e assim Ela fazia, mandava seus eguns, espíritos desencarnados que comanda, baterem nos maridos infiéis afim de corrigi-los, por isso Nanã é temida entre os homens, portanto essa yabá representa o feminino que “não se curva diante dos homens, que exige respeito e ensina com rigidez, porque sabe que só através da disciplina e da verdade é possível alcançar a sabedoria."

Nanã e o Feminismo: interseção entre espiritualidade e luta por equidade

Nanã Buruquê também simboliza a ancestralidade feminina, sendo a portadora da sabedoria milenar pondo o conhecimento historicamente acumulado nas mãos das mulheres. Sua figura evoca o respeito pelas mulheres mais velhas em especial, pela

tradição e pela transmissão do conhecimento de uma geração para outra. Esse aspecto de Nanã celebra o papel das mulheres como detentoras da história e da sabedoria cultural e como pilares de resistência, resiliência, força e continuidade.

Ela é a matriarca do povo Yorubá, Ewé e Fon, Orixá primordial que carrega consigo a sabedoria de toda humanidade e transmite a suas filhas o poder de todas as mulheres que vieram antes, simbolizando o poder do feminino que sustenta gerações e preserva a memória ancestral, ensina-lhes que é conhecendo o passado que as mulheres poderão vislumbrar o futuro tendo em vista que uma das filosofias africanas é conhecer o passado para entender o presente e moldar o futuro, pois o que aconteceu antes pode acontecer novamente.

O poder feminino de Nanã, conforme descrito por Monica Buonfiglio (2004), está profundamente conectado à ideia de sabedoria, criação, justiça e ancestralidade. Esses aspectos fortalecem a relação entre Nanã e o empoderamento feminino, especialmente no contexto de espiritualidade e resistência, tornando-a uma figura simbólica para a luta por equidade de gênero e valorização das mulheres pondo-as como âmbito da sociedade, portanto merecedoras de todo respeito, admiração e consideração.

Partindo do entendimento de Nanã que durante a diáspora africana, segundo Sampaio (2016, p.45) apud Negreiros (2021, p.133), “a mulher desempenha um papel fundamental na reconstituição dos laços familiares e na (re)construção da identidade negra no período escravocrata brasileiro”.

Papel esse que tem reflexo direto na forma de constituição dos terreiros e na configuração do papel das mulheres no universo afro-religioso que, mesmo situado em um país eurocêntrico e cuja hegemonia masculina era e ainda é intensa, do lado de dentro dos terreiros “eram as mulheres que desempenhavam um papel de poder” embaladas pela força arquetípica das yabás: Iansã, Oxum, Iemanjá, Obá, Yewá, Nanã e a grandes mães ancestrais pouco cultuadas nas casas de axé e muito temidas, as chamadas Yiami Ossorongá.

A geografia dos terreiros expressa, pois, uma ocupação sociopolítica, uma vez que os Ilês são casas religiosas, mas também são casas de moradia, de acolhimento, assim como espaços de prestação de serviços. Aí, as relações de parentesco - consanguíneo e religioso-, articuladas às relações de gênero, interétnicas e de classe, modelam e regulam relações, não só religiosas, mas afetivas, econômicas, socioculturais e ético-políticas (SILVA, 2010, p. 130).

E toda essa estrutura foi gestada pelas mulheres e são elas a maioria na gestão dos terreiros, imperando uma política do cuidado e sem jamais se deixar diminuir por

ninguém a exemplo temos nomes de conhecimento nacional como Mãe Menininha do Gantois⁸ e Mãe Stella de Oxóssi⁹

Em uma das histórias narradas no livro “Mitologia dos Orixás” Prandi (2001), conta um itã que Nanã rejeita o uso dos metais de Ogum, o que simboliza sua recusa à guerra e à violência. Essa rejeição pode ser vista como um símbolo de resistência contra a imposição de papéis de gênero tradicionais que associam masculinidade à agressão e violência. A recusa de Nanã sugere uma postura de não conformidade com normas destrutivas que podem ser impostas às mulheres, propondo, ao invés disso, uma abordagem que valoriza a criação e a preservação da própria vida.

Nanã Buruquê, nas religiões de matriz africana, é um símbolo poderoso que transcende a espiritualidade, influenciando discussões sobre gênero e violência. Sua postura contra a violência e em defesa da integridade ressoa com os princípios feministas de equidade e fim da opressão de gênero. A veneração de Nanã, que representa a criação e os ciclos naturais da vida, reflete valores essenciais para a sustentabilidade e a promoção de uma cultura de paz. Seus rituais celebram a vida, sabedoria e força feminina, fundamentais na luta contra a violência e pela justiça social.

Na tradição Fon, Nanã é uma autoridade austera ligada aos mistérios da vida e da morte, cercada por tabus. Entre os Ewé, ela é venerada como divindade materna associada à fertilidade e águas calmas, reforçando o papel central das mulheres na comunidade e na espiritualidade. Nanã é vista como uma força protetora e guardiã dos mistérios da morte e regeneração, com rituais que incluem danças e cantos em sua honra.

Nesses cenários culturais, Nanã Buruquê incorpora uma profunda sabedoria feminina, profundamente ligada à ancestralidade e à natureza. Essa reverência se estende à prática espiritual afro-brasileira do candomblé Jeje, que tem raízes diretas na tradição Fon. Assim, Nanã transcende o papel de mera divindade, tornando-se uma figura arquetípica que conecta as comunidades aos ciclos mais profundos da existência, evocando respeito, reverência e o poder do feminino.

Por que Isso Tudo Importa?

Esta pesquisa não é só sobre religião. É sobre como mulheres maranhenses estão reinventando o feminismo mesmo sem nunca terem lido Angela Davis, bell hooks, Chimamanda Adichie, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro e tantas outras autoras de relevância nacional e internacional. A mistura única de tradições africanas e indígenas

⁸ [Mãe Menininha \(museuafrobrasil.org.br\)](http://museuafrobrasil.org.br)

⁹ [Mãe Stella de Oxóssi - Literatura Afro-Brasileira \(ufmg.br\)](http://ufmg.br)

aqui cria um feminismo que não se parece com nenhum outro e precisa ser mapeado e levado mais a sério e para tal precisamos ouvir mais as Yabás! Escutar e estudar Iansã, Oxum, Yewá, Yemanjá e as poderosas Grandes Mães Ancestrais, as Iyá-Mi Ossorongá pode revelar outros caminhos de resistência.

Essas tradições religiosas são marcadas pela resistência cultural e pela preservação das práticas espirituais trazidas pelos povos africanos escravizados pelos europeus, além de terem se mesclado com influências locais, como as tradições indígenas, por isso em todo o projeto trago o termo afro-ameríndio.

O Caminho de Nanã: espiritualidade e resistência feminina no Maranhão. Esta pesquisa nasceu do desejo de escutar as mulheres que carregam Nanã no Orí e no coração. Ao conviver com mães e filhas de Santo, guardiãs da tradição afro-ameríndia no Maranhão, descobrimos algo profundo: o culto à velha Mãe Nanã vai muito além dos rituais, é um ato de resistência cotidiana, um jeito de ser mulher que desafia silenciosamente o mundo patriarcal, pois Nanã é a sabedoria que liberta!

Nas vozes das mulheres que entrevistamos, Nanã não é apenas uma divindade distante. Ela é força viva, presente no dia a dia tendo a maturidade como poder, enquanto a sociedade exalta a juventude feminina, Nanã lembra que rugas carregam sabedoria, que o tempo não enfraquece, mas converte em autoridade. Dona Morena, que sobreviveu à violência doméstica, nos contou como encontrar Nanã foi reencontrar a si mesma *"Ela me mostrou que eu não era só dor, eu era água, mais terra firme também, eu tinha raiz, tinha não tenho!"* (Dona Morena em roda de conversa).

Nas histórias sagradas (itãs), Nanã vence Ogum pela inteligência, não pela força. Um ensinamento precioso para mulheres ensinadas a "se calar" ou "revidar", mas raramente a governar sua própria vida. Dona Morena não levantou a voz contra seu ex-marido, ela lutou com as armas que dispunha, perdeu a guarda dos filhos, mas ganhou sua alforria e mesmo com a dor de não poder ver seus filhos crescerem dia após dia ela se refugiou em Nanã e se reconstruiu, pios nos terreiros, um outro mundo é possível.

Os terreiros de religiões de matriz afro-ameríndia como o Candomblé e Tambor de Mina revelaram-se espaços de cura e poder, liderança feminina como Mãe Maria do Barco, sacerdotisa maranhense que comanda com firmeza e amor, mostrando que hierarquia não precisa ser opressão.

Quando oferecem barro a Nanã ou cantam seus pontos, essas mulheres não estão apenas seguindo uma tradição oral, estão lembrando umas às outras que seus corpos são sagrados, sua idade é honra, sua voz merece eco. Os itãs contados por Mãe Maria do

Barco não são mitos, mas sim armas contra a violência masculina, mapas para sobreviver num mundo que ainda despreza a mulher e em especial a mulher preta, pobre e, sobretudo, idosa.

Nanã oferece às suas filhas algo precioso: um feminismo que não veio dos livros, mas do chão do terreiro, da lama primordial, da memória de nossos ancestrais. Sendo assim, aqui, ser feminista é:

Reconhecer que opressões se misturam: Ser mulher, negra e pobre no Maranhão é uma realidade dura, mas nos terreiros, essas mesmas identidades viram fonte de força e orgulho da própria força.

Ver o corpo como território livre: Se Nanã moldou humanos do barro, suas filhas aprendem que seus corpos não são prisões, são terras férteis, capazes de gerar vida, mudança e revolução.

Cuidar umas das outras: Como no caso de Dona Morena, acolhida por outras mulheres após fugir de um casamento violento, os terreiros tecem redes de proteção que o Estado nunca ofereceu.

Considerações Finais

"Nanã não tá no Orum, tá aqui juntinho de nós. É quando a gente para de ter medo de envelhecer, de dizer 'não', de ocupar nosso lugar, num sabe? Ela é nossa revolução silenciosa que vem chegando igual Preta-Velha acolhendo todo mundo!"

Ao longo desta pesquisa, mergulhamos nas águas profundas e no barro primordial de Nanã Buruquê, descobrindo que sua espiritualidade ancestral não apenas resiste ao tempo, mas também fertiliza o solo das lutas feministas contemporâneas. Nanã revelou-se muito mais que uma divindade distante, ela é um arquétipo vivo, uma presença que habita o cotidiano das mulheres maranhenses, guiando-as na desconstrução de estereótipos e na reconstrução de suas identidades.

Os relatos de Mãe Maria do Barco e Dona Morena ecoam como testemunhos de que o culto a Nanã é um ato político. Nas entrelinhas dos itãs e nos cantos dos terreiros, encontramos um feminismo que não foi importado de manuais acadêmicos, mas brotou da terra, da lama que molda corpos e histórias. Nanã ensina que envelhecer não é sinônimo de invisibilidade, mas de autoridade; que a maturidade carrega em si a força de quem já atravessou ciclos de dor e renascimento. Suas filhas, ao incorporarem essa sabedoria, desafiam a violência patriarcal não com espadas, mas com a firmeza de quem conhece seu lugar de fala e de poder.

Os terreiros de Candomblé e Tambor de Mina, espaços de resistência cultural e afetiva, mostraram-se territórios onde a interseccionalidade não é teoria, mas prática. Ser mulher, negra, pobre e idosa no Maranhão é enfrentar múltiplas opressões, mas é também, como nos lembra Nanã, ser guardiã de uma ancestralidade que transforma dor em raiz. Acolhimento, cuidado coletivo e liderança feminina são pilares desses espaços, contrastando com a negligência do Estado e a solidão e opressão imposta pelo machismo.

Nanã Buruquê, portanto, não é um símbolo do passado, mas uma semente do futuro. Seu culto nos convida a repensar o feminismo a partir de epistemologias ancestrais, onde espiritualidade e luta social se entrelaçam.

Ela nos lembra que a equidade de gênero não será alcançada apenas com discursos, mas com a valorização das vozes que o sistema tenta silenciar: as das mulheres pretas, periféricas, idosas, que carregam em seus corpos a memória e a potência de quem sabe moldar o barro da existência.

Como escreveu uma das entrevistadas, Nanã é "uma revolução silenciosa". E talvez seja justamente nesse silêncio ancestral, cheio de cantos, rezas e histórias orais que resida a força mais radical: a de transformar, sem alarde, o mundo ao redor. Que esta pesquisa seja um convite a ouvir mais as Yabás, a aprender com suas lições e a reconhecer que, nas águas paradas de Nanã, reflete-se um futuro possível: um futuro em que nenhuma mulher precise pedir licença para existir, em toda sua complexidade e grandeza.

Porque Nanã não é só orixá. É caminho. É resistência. É, acima de tudo, um chamado à ação.

Referências

- AHLERT, M. **Encantoria**: uma etnografia sobre pessoas e encantados em Codó (Maranhão). Curitiba: Kotter Editorial. São Luís, EDUFMA, 2021. 248 p.
- AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019. 150 p
- ALEXANDRE, Claudia. **Exú-Mulher** e o Matriarcado Nagô: sobre a masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés. Rio de Janeiro: Fundamentos de Axé. Editora Aruanda, 2023. 464 p. ISBN 978-65-87708-19-5.
- BUONFIGLIO, Monica. **Orixás: anjos da natureza**. São Paulo: Nova Era, 2004.
- BUTTIMER, Anne. **Apreendendo o dinamismo do mundo vivido**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 23–44.
- EGÍDIO, Edir Macedo; VIEIRA, Maria das Graças. **Nanã Buruquê: a grande mãe**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). *História Geral da África I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2010. p. 167-212.

HEIDEGGER, Martin. **Introducción a la fenomenología de la religión**. – México: Siruela, 2006

HILGERT, Luíza Helena. Feminismo e Fenomenologia. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, N. 2, 2022, p. 1-17. Disponível em:

<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/teoriasfeministas/feminismo-efenomenologia/> ISSN: 2526-6187

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NASCIMENTO SILVA. Maria das Graças Silva e SILVA, Joseli Maria. Interseccionalidades, Gênero e Sexualidades na Análise Espacial. Ponta Grossa/PR, Toda Palavra. 2014. (capítulo de livro) Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico (págs. 17 a 35)

NEGREIROS, Cíntia. **Iyami Oxorongá: grandes mães ancestrais do candomblé**. Salvador: Edufba, 2021.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 591 p.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. *Geografia*, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979.

Revista internacional de audición y lenguaje, logopedia, apoyo a la integración y multiculturalidad. ISSN: 2387-0907, Dep. Legal: J -67- 2016 Volumen 2, Número 3, julio, 2016 <http://riai.jimdo.com>

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SILVA, Marlise Vinagre. Gênero e religião: o exercício do poder feminino na tradição étnico-religiosa ioruba no Brasil. Revista de Psicologia da UNESP, [s. l.], v. 9, ed. 2, p.

128-137, 2010. DOI 1984-9044. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/issue/view/11>. Acesso em: 23 set. 2024.

SILVA, Marlise Vinagre. **Gênero e religião**: o exercício do poder feminino na tradição étnico-religiosa iorubá no Brasil. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 9, n. 2, p. 128-137, 2010. DOI: 1984-9044.

SILVA, Otto Marques da. A Epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: CEDAS, 1986

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVA. Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SUZUKI, Júlio César; VILLAMIL, Nayive Castellanos; ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. Religião, política e sociedade. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587621654> Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/680 . Acesso em 01 setembro de 2024.

SUZUKI, Júlio César; VILLAMIL, Nayive Castellanos; ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de. **Religião, política e sociedade**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587621654>.